

ARTIGO

BARCELONA: A PERSISTÊNCIA DE UMA CULTURA LIBERTÁRIA

BARCELONA: THE PERSISTENCE OF A LIBERTARIAN CULTURE

LÉA GUIMARÃES SOUKI*

RESUMO

O reaparecimento das ideias libertárias despertou o interesse por compreender a única experiência histórica onde o anarquismo foi governo e que tem servido de inspiração a novos movimentos sociais urbanos no Brasil. Este artigo discute a presença da cultura libertária em Barcelona hoje, como marca das experiências cooperativas e assembleístas oriundas dos bairros e que se mesclaram em uma combinação inédita com a Confederação Nacional do Trabalho, a CNT. O material utilizado se baseia na bibliografia e arquivos pertinentes e em entrevistas com especialistas. Também foram ouvidos os frequentadores de ateneus e ativistas de cooperativas. Hoje os princípios do anarquismo se encontram nos ateneus, outrora núcleos de formação e hoje lugar de convivência e cultura, e nas cooperativas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura libertária; Barcelona rebelde; Confederação Nacional do Trabalho-CNT.

ABSTRACT

The revival of libertarian ideas has sparked the interest for understanding the only historical experience in which anarchism was the government, and which has often served as inspiration to new Brazilian social urban movements. This article discusses the presence of libertarian culture in today's Barcelona, as a hallmark of cooperative and convening experiences arising from neighbourhoods, that blended into an unprecedented combination with the anarchist National Confederation of Labour – CNT. Material used is based on relevant bibliography and files, and on interviews with specialists. Athenaeums regulars and cooperatives activists have also been heard. Now a day their principles are present in the athenaeums – formerly education centers, currently meeting and cultural places – and in the experiences of cooperatives.

KEYWORDS: Libertarian culture; rebellious Barcelona; National Confederation of Labour- CNT.

La gran originalidad rebelde de Barcelona, su gran especialidad en la fricción contra el Estado, ha sido su cultura libertaria, adquirida a lo largo de un siglo XIX espectacular y increíble. Barcelona es de hecho la ciudad cuya rebeldía menos y más tarde ha recurrido, por ejemplo, al marxismo. Y la única en el mundo mundial que ha realizado en el siglo XX una revolución anarquista con cierta estabilidad y duración (...) La tradición libertaria, demasiado descomunal para desaparecer del cerebro colectivo barcelonés tan rápido como en efecto, ha desaparecido, sobrevive.¹

A atualidade do tema

Os grupos de inspiração anarquista que emergiram em junho de 2013 no Brasil, além de representarem novidades do ponto de vista de suas organizações, durante os protestos apareceram como praticantes do assembleísmo, inspirados nos exemplos internacionais e ativados em comunicação *on line*, algo inusitado nos movimentos sociais urbanos no Brasil. A tendência ao desalinhamento com as instituições hierárquicas já vinha sendo apontada, nos estudos sobre a Nova Cultura Política nas metrópoles brasileiras, em trabalhos especialmente do Observatório das Metrópoles.² Se inicialmente esses protestos tinham como origem o Movimento Passe Livre, em São Paulo, eles se alastraram como um conjunto de manifestações contra o governo, ao longo de junho daquele ano em todo o país. Em seu bojo apareceram novas tendências, embora tenham chamado mais a atenção as que usaram a tática *Black Blocs* do que as estratégias específicas dos diversos movimentos ali presentes, como os libertários³ e anarquistas que, identificados a essa tática, tiveram pouca visibilidade quanto às suas ideologias ou projeto político.

Para esses coletivos, as novas tecnologias digitais lhes permitem cumprir o papel de conexão com as experiências internacionais libertárias e viabilizar o ideal de uma comunidade internacional solidária. Suas assembleias internas, muitas delas permanentes, se beneficiaram das tecnologias digitais, dando-lhes um novo caráter. A realização de uma espécie de comunidade internacional, através da conexão com os casos do Kurdistan e de Chiapas, por exemplo, trazia ainda, por detrás de todo o clima vivenciado, a evocação da experiência histórica da Catalunha ou, mais especificamente, de algo como uma mitologia do governo anarquista da Segunda República em Barcelona, considerado o foco mais expressivo da resistência, a única experiência histórica em ser governo e ser anarquista ao mesmo tempo.⁴ No que diz respeito à facilidade que o século XXI tem propiciado à disseminação dos movimentos libertários, Manuel Castells⁵ chega a afirmar que o anarquismo estava adiantado em seu tempo e que seria hoje, com a revolução tecnológica informacional, a possibilidade de realizar o ideal de uma sociedade bem informada e conectada supra nacionalmente.

Barcelona é uma cidade que, de maneira geral, tem sido destacada pelo seu aspecto arquitetônico e artístico e por suas manifestações culturais, mas, além disso, diferentemente de outras grandes cidades espanholas, ela contém em suas ruas, becos, praças e edifícios a memória do passado libertário, pouco identificável aos olhos do viajante. A tradição libertária está latente e está também manifesta nos bairros, na recuperação dos espaços de compartilhamento do passado, nas bibliotecas e arquivos e, principalmente, no ambiente dos ateneus e das cooperativas.

Para responder à pergunta de como essa tradição se expressa hoje na cidade, constituindo-se possivelmente como um alimento para a ideia contemporânea de uma comunidade internacional libertária, a discussão que se segue busca construir um cenário onde é apresentada uma constelação de elementos históricos, original em seu tempo, que se estabeleceu em Barcelona e que propiciou o desenvolvimento das práticas e ideias libertárias. Entretanto, não se trata de estabelecer relações estritas de causalidade entre os diversos elementos de análise, mas tão somente alimentar o conhecimento do tema. A subcultura libertária é uma das várias existentes na cidade, ainda que não se possa escrever a história da cidade sem mencioná-la⁶. O texto que se segue é uma aproximação sem preocupação de demonstrar a primazia da cultura libertária sobre as outras, visa apenas afirmar sua vitalidade.

Trata-se de discutir aspectos da tradição libertária em Barcelona, hoje, como manifestação de ideais que ainda nutrem a tradição ácrata, especialmente entre os movimentos sociais fora dos partidos, e que se dissemina entre os jovens dos grandes centros urbanos em diferentes cidades do planeta. Para este propósito serão consideradas três dimensões de análise: a primeira diz respeito à visão de Barcelona como “cidade rebelde”; em segundo lugar o estigma do anarquismo, na cidade, entre setores da esquerda e da direita; e finalmente a presença dos anarquistas nos bairros, nos ateneus e cooperativas, com uma visão mais detida no caso das Cooperativas de Sants, bairro de forte tradição industrial de Barcelona desde fins do século XIX.

As informações relativas aos ateneus, cooperativas e assembleias foram colhidas através de entrevistas realizadas entre abril e dezembro de

2016 com historiadores, ativistas de movimentos e de cooperativas, frequentadores habituais dos Ateneus, escritores e intelectuais especializados no tema, bem como através de visitas às cooperativas, assembleias e ateneus. Nem todos os entrevistados serão identificados, tendo sido consentida a identificação apenas de figuras públicas.

A cidade rebelde

São dois os conteúdos desenvolvidos para explicação da rebeldia como traço importante da persistência da cultura libertária em Barcelona. O primeiro é que, historicamente, a cidade se vê distante do Estado, e o segundo é o caráter difuso e “gasós”⁷ da cultura anarquista, que lhe permite mesclar-se, reproduzir-se e manter-se de várias maneiras e em diferentes terrenos, de hábitos ou de ideias.

O ponto compartilhado por vários autores e ativistas é de que Barcelona historicamente se encontra distante do Estado, tanto para os proprietários quanto para os trabalhadores. A cidade se via em uma situação paradoxal de estar, ao mesmo tempo, em posição destacada no desenvolvimento industrial e marginalizada do ponto de vista político, além de ser parte de um império em declínio. Se de um lado a burguesia catalã se ressentia de não ter seu próprio Estado, sentindo-se distante do centro do poder político, os trabalhadores o veem com hostilidade por sua ausência em protegê-los e garantir seus direitos. Autores como Oriol Pi de Cabanyes (2016), Guillén Martínez (2009), Chris Ealham (2005, 2010), Xavier Diez (2014), Manel Aisa (entrevista em 12/2016), por exemplo, entendem que o Estado espanhol não se faz presente, e quando o faz é de maneira hostil e ineficiente.

Além disso, nos albores da industrialização, as condições de acumulação e o padrão de vida da população trabalhadora, os baixos salários, o desemprego e a precariedade laboral, somadas à falta de moradia, alimentaram o “catalanismo”, que se opõe a um Estado visto como atrasado, associado à igreja e à monarquia. De outro lado, o “anticatalanismo” espanhol, presente em todas as forças políticas tanto de esquerda como de direita, é entendido, segundo Oriol Pi de Cabanyes, como uma hostilidade produzida e alimentada pelo próprio Estado espanhol.

Do ponto de vista urbanístico, a exclusão espacial e simbólica dos trabalhadores aumentou a combatividade do setor popular, especialmente a partir das obras da Exposição Universal no final do século XIX. Para se ter uma ideia do padrão de vida da população, sob o aspecto das condições de moradia, a construção das “cases baratas” era iniciativa de particulares, os “caseros”, que foram empurrando os trabalhadores para zonas cada vez mais afastadas, sem as condições básicas de sanidade e bem-estar. No bairro central de Raval, núcleo inicial da industrialização, especialmente na parte perto do porto, as condições de habitação eram tão precárias e as jornadas de trabalho tão exaustivas que existiam “casas de dormir” onde eram alugadas camas por hora. “En algunos de los establecimientos más rudimentarios, los trabajadores pagaban por dormir de pie, apoyados sobre una cuerda atada de un lado al otro en una gran habitación comunal”.⁸

O segundo ponto a ser considerado diz respeito à vitalidade das ideias ácratas na cidade. Até que ponto se pode afirmar que o passado rebelde da cidade é uma marca indelével que não foi esquecida nem

exorcismada apesar de submergida nos longos 38 anos de ditadura? Essa condição de ausência e presença latente e manifesta pode levar a considerar a existência de uma “trajetória histórica dependente”, *path dependence*, ao se analisar os casos dos movimentos modernos e originais da cidade no século XXI. São os casos da *Plataforma de Atingidos por las Hipotecas/PHA*, dos *Okupas*, dos *Objetores de Consciência*, dos *grupos de afinidades*, todos eles com uma posição claramente anti-Estado e que têm trazido certa originalidade à política.

Quanto ao seu passado ácrata não se pode desconsiderar certas singularidades da cidade rebelde que ficou conhecida como *La Rosa de Foc*, a *Rosa de Fogo*. Uma das ideias que sustenta a explicação do fenômeno é de ser a cidade um terreno fértil para a rebeldia. Em fins da Idade Média os catalães já haviam criado instituições autônomas como o *Consell de Cent*, posteriormente a *Diputació*. Em 1714, na confrontação com o rei da Espanha, Felipe V, Barcelona já registrava acontecimentos que a apontavam como lugar de resistência e rebeldia frente ao Estado espanhol.⁹

É extensa a literatura sobre o padrão de acumulação capitalista selvagem no qual se baseou o desenvolvimento industrial de Barcelona, nela são abordadas questões referentes às massas de imigrantes, especialmente do sul do país, ao desemprego, aos períodos de fome, e ao tratamento da questão social como problema de ordem pública. Esta ficou especialmente agravada na década de 1920, quando as milícias antirrevolucionárias chamadas *Sindicats Lliures* passaram a praticar o assassinato de líderes sindicais. O Estado espanhol sendo incapaz de alcançar a unidade nacional, de impor um idioma e se desfazer das

instituições forais inibidoras da unificação do mercado, chega ao século XX sem tampouco resolver minimamente a questão social, o estabelecimento de um Estado liberal e uma cultura laica.¹⁰

O modelo de acumulação capitalista da indústria espanhola, mais especificamente em Barcelona, é conhecido pela crueza. Devido às condições extremas de exploração e às mãos duras da Igreja, dos proprietários de terra, de fábricas e da polícia, e onde a população não tinha acesso a nenhum canal de expressão, a violência apareceu como recurso mais eficaz, e o anarquismo, especificamente durante a Guerra Civil, irá tomar essa direção. A esse propósito esclarece Tuchman¹¹: “Mas, diferente do ‘puro’ anarquismo, a modalidade espanhola era a do coletivismo, porque tinha que ser. A opressão era demasiado pesada para permitir quaisquer esperanças de ação individual”.

Sobre esse período ficou conhecida a afirmação de F. Engels de que “Barcelona, la ciudad industrial más grande de España, ciudad cuya historia registra más luchas de barricadas que ninguna otra villa del mundo”¹². Em fins do século XIX, no período compreendido entre 1884 e 1900, quando explodiram sessenta bombas entre greves e barricadas, Barcelona ganhou o codinome de *Rosa de Foc*, e *Ciutat de les Bombes*. A primeira greve geral de toda a Espanha, em 1855, foi basicamente em Barcelona e, sob o lema “asociación o muerte”, se deu a experiência da unidade dos trabalhadores e teve um saldo de 17 mortos e 44 feridos. Um marco importante na vida dos trabalhadores foi a greve de 1919 – que ficou conhecida popularmente como *La Canadenca*, referindo-se à *Companhia Light and Power* –, quando a cidade ficou sem energia elétrica e a indústria quase toda paralisada durante 44 dias¹³. Liderada pelo sindicalista

da Confederación Nacional del Trabajo, CNT, Salvador Seguí, essa greve sofreu duríssima repressão, quando foi patrocinada pela patronal a criação dos *Sindicats Lliures*, uma organização de pistoleiros e grupos armados dedicada a assassinar seletivamente dirigentes sindicais.

O líder Salvador Seguí foi assassinado por essa organização em pleno bairro barcelonês do Raval. Era um autodidata, da Escola Moderna de Ferrer i Guardia, corrente ácrata que entendia que a emancipação humana se atingiria através da educação e da cultura. Nesse período, os líderes operários se converteram em heróis para a população dos bairros e o enterro de Seguí foi uma manifestação popular e multitudinária. Alguns meses depois foi perpetrado o golpe de Estado de Primo de Rivera, quando a recém-legalizada CNT volta à clandestinidade. Nestes anos do *pistolero*, as greves se tornaram mais frequentes e violentas, entre 1910 e 1917 tendo sido registradas 53.356 greves e, entre 1918 e 1923, 142.270. Só no bairro de Sants, onde havia grande concentração de fábricas, foram assassinados 35 trabalhadores.¹⁴

Os espaços da cidade, com a distribuição e disposição das grandes fábricas no mesmo território, também seriam uma fonte de explicação da capacidade de organização e aglutinação que estas forças coercivas e criadoras de pobreza provocaram nos trabalhadores. No começo do século XX, Barcelona tinha meio milhão de habitantes, sendo a população trabalhadora de cerca de 150.000 pessoas, correspondendo a 30%. O plano da *Grande Barcelona*, de fins do século XIX, de autoria do arquiteto progressista Ildefons Cerdá, inicialmente tinha a ideia de integrar as classes e as atividades, o que acabou dependendo da capacidade do Estado de realizá-lo. O princípio integrador de Cerdá não se efetivou, em grande

medida, pela retração que sofreu o mercado de exportação catalão com a independência das colônias em 1898. O urbanismo foi expulsando a população para cada vez mais longe do centro da cidade, criando a categoria de “barriadas” proletárias segregadas no território urbano, que vão dar origem às “chabolas”.

Em seguida, apresento um brevíssimo levantamento histórico dos principais aspectos que ensejaram e fizeram crescer os movimentos anarquistas a partir da Semana Trágica de 1909 até o final da Guerra Civil, em 1939. O anarquismo existia já no século XIX na cidade, mas o início da organização unificada da estrutura anarco-sindicalista deu-se na primeira década do século vinte: em 1907 alguns poucos operários criaram uma primeira estrutura sindical catalã, a Federació Local de Societats Obreres de Barcelona, a Solidaritat Obrera. Essa foi uma federação anarquista que fundou as bases da Confederación Nacional del Trabajo, CNT, criada em 1910. Essa estrutura, orquestrada em grande medida pelo líder Anselmo Lorenzo, foi a base a partir da qual foi sendo construído o anarco-sindicalismo catalão dos anos que se seguiram.

Desde seu nascimento, o anarco-sindicalismo defendia a autonomia radical das organizações de base, atribuindo mais importância às federações locais do que às regionais e nacionais. Construiu sua organização em bases diferentes às do socialismo, com uma estrutura pouco hierárquica e mais flexível. Era formada por comitês regionais em três níveis – nacional, regional e local – e as ações eram coordenadas pelas redes sociais dos “barris”, com a intenção de evitar uma estrutura burocrática hierarquizada. Constituíam-se como parte da vida cotidiana dos bairros, trabalhando no dia a dia de maneira a melhorar sua infraestrutura

e criar uma defesa horizontal entre os vizinhos contra a força policial em presença direta nos bairros. Esta maneira intencionalmente desburocratizada, bem como o combate aos constrangimentos estatais, reforçavam as tradições independentistas dos bairros ao mesmo tempo em que “contribuíam para a definição do *modus operandi* da CNT”.¹⁵ Esta retroalimentação pode ser considerada uma originalidade do anarco-sindicalismo barcelonês: ao mesmo tempo em que a central sindical trazia estratégia e táticas para os bairros, esses por sua vez contribuíam para formar a cultura e a maneira de agir da própria CNT, com novas formas de luta.

A social democracia nascente não encontrou terreno fértil em Barcelona, e a Unión General de Trabajadores/UGT – central sindical socialista formada na cidade em 1888 –, chocando-se com a cultura assembleísta dos bairros, avaliou como difícil sua aceitação entre os trabalhadores. Transferiu-se para Madrid em 1899, onde junto com Astúrias e Biscaia viu suas expectativas de crescimento se realizar. A retirada dos socialistas fez aumentar o prestígio do anarquismo, ideologia e modo de vida que os operários barceloneses viam como mais próximos a seus problemas diários.

Os anos vinte foram anos de crescimento da cidade e do anarco-sindicalismo. Entre 1918 e 1919, com a população crescendo de 663.387 a 710.335 pessoas, a CNT se converteu na referência dos “deserdados”, trabalhadores, imigrantes, desempregados.¹⁶ Foi nesse tempo em Barcelona que sua filiação “pasó de 345.000 a 715.000 [...] la CNT afirmaba tener más de 250.000 miembros, lo que hacía de la capital catalana una de las ciudades más sindicalistas, si no la primera, de toda

Europa”¹⁷. Ao mesmo tempo em que crescia a escalada conflitiva e o crescimento dos sindicatos nos bairros, foi criada uma rede de espaços e de infraestrutura que se pode chamar de uma “esfera pública operária”¹⁸ ou um “contra poder operário muito combativo”¹⁹.

Nesse processo, foram criados ateneus libertários²⁰ e *grupos de afinidades* que, na ausência de espaço público, se reuniam também em casas particulares, em excursões dominicais, bares e tabernas. Os ateneus em Barcelona foram, em grande medida, desde o século XIX, inspirados pela tradição libertária e pela Escola Racionalista; eram espaços laicos de formação intelectual e científica que proporcionavam educação e debate aos membros das classes trabalhadoras impedidos de acesso às escolas, cujo monopólio era da igreja. De inspiração iluminista e anticlerical, visavam a criar escolas pedagogicamente avançadas cujo objetivo era a educação para a autonomia e a liberdade. Também faziam parte dessa rede a Escola Moderna de Ferrer i Guardia. Sobre o papel dessa escola e sua relação com o movimento libertário, caberá uma referência mais detalhada através da apresentação, mais adiante, de entrevista concedida pelo diretor da Fundació Ferrer i Guardia de Barcelona, em abril de 2016.

O desenvolvimento das ideias iluministas e laicas na cidade ocorreu *pari passu* ao crescimento da exploração da força de trabalho em proporções anteriormente desconhecidas. O movimento renovador iluminista, nascido no século XIX, mobilizava setores esclarecidos da classe média através de intelectuais e pensadores críticos da igreja e afins às ideias republicanas de origem francesa. A partir delas pensaram seus projetos emancipadores para a Catalunha que incluía a militância pela educação laica e universal. Não tendo passado pela Reforma Protestante,

tampouco pela revolução empírica moderna e a Inquisição Espanhola durado até 1834, o pensamento racionalista encontrou dificuldades para se estabelecer na Espanha.

A Escola Moderna de Ferrer i Guardia e as escolas racionalistas deixavam bem explícita a diferença em relação à pedagogia repressiva dos clérigos, e a tradição autônoma dos bairros dava força à didática libertária. Eram frequentadas não só por militantes da CNT, mas também por imigrantes analfabetos e seus filhos, que encontravam ali a escola que lhes foi interdita em seu lugar de origem. Os ateneus veiculavam, em grande medida, a perspectiva dessas escolas, suas bibliotecas sendo nutridas por obras de todo tipo, como as da tradição libertária da literatura francesa, como Balzac, Zola, Stendhal, e também do dramaturgo norueguês Ibsen, um dos autores mais celebrados. Na vertente naturalista, os estudos de biologia, botânica, zoologia eram sustentados também pela prática do “excursionismo”, no caso da Escola Moderna havendo um substancial investimento em laboratórios. Merece referência a posição secundária que tinham as mulheres nos ateneus, exercitando mais comumente as funções de suporte às atividades. Só mais tarde, durante a guerra, puderam ter uma posição mais destacada como milicianas. O “excursionismo”, que dava suporte às aulas de ciências naturais, tornou-se um estilo de prática para além de seu objetivo inicial, e os ateneus e a CNT o praticava regularmente. As excursões permitiam a inclusão de diferentes grupos, assim como a mescla de gerações no bojo dessa cultura alternativa. Essa contracultura, que embora não tivesse reconhecimento nem proeminência nos cenários oficiais da cidade, foi uma vibração associativa inédita de ideias e atividades formada na Catalunha, e especialmente em Barcelona²¹.

Ao lado disso, a presença da maçonaria na República foi expressiva, figuras como Ramón y Cajal, prêmio Nobel de Ciência de 1906, e Andreu Nin, o grande líder do Partido Operário de Unidade Marxista, POUM, foram personagens que marcaram a história da Espanha moderna e compartilhavam as ideias maçônicas de racionalidade e emancipação humana, sendo Ferrer i Guardia um de seus expoentes. Em entrevista concedida em abril de 2016, Viçens Molina, subdiretor da Escola Moderna, declara serem a cientificidade e o republicanismo as raízes do pensamento da Escola Moderna. Esclarece que a Escola Moderna de Ferrer i Guardia, em Barcelona, representava o que havia de mais avançado em educação no tempo de sua criação, o que fez com que muitos anarquistas não só simpatizassem com sua pedagogia como passassem a frequentá-la e entendê-la como parte de seu projeto de educação. Ela, por sua vez, durante vários anos ofereceu espaço para a formação dos quadros anarquistas, educados sob a perspectiva da luz, da igualdade e da liberdade. Muitas vezes Ferrer i Guardia, identificado com o pensamento maçom, foi também associado ao anarquismo, fato que está ligado à sua execução em 1909, sob o julgamento de um tribunal militar. Hoje a Fundació Ferrer i Guardia, em Barcelona, desenvolve continuamente atividades pedagógicas. No espaço da cidade a maçonaria ainda mantém importância, não como instituição, mas como memória, tendo uma das bibliotecas mais respeitadas de Barcelona, a Biblioteca Arús, e o Ateneu Enciclopédico Popular, considerado o segundo arquivo europeu mais importante do movimento operário de fins do século XIX.

Sobre a relação de Ferrer e Guardia com o anarquismo, nas palavras de Molina:

Ferrer i Guardia não tinha contato com os grupos anarquistas barceloneses. A Escola Moderna era diferente dos movimentos anarquistas, entendia a educação como um sistema que deveria ser público, algo inaceitável para os anarquistas. A educação para a juventude teria que ser laica e incluía a memória histórica. Laicismo, política para a juventude, educação e memória histórica, as raízes de suas ideias continuam tendo influencia em Barcelona de hoje.²²

De volta ao ambiente da oposição republicana, como alternativa ao anarco-sindicalismo foi fundada, em 14 de abril de 1931 – dia em que foi proclamada a II República –, a Esquerda Republicana de Catalunya/ERC, ainda hoje uma das maiores forças eleitorais da Catalunha, depois de renascida na transição à democracia em 1975. Tinha o objetivo de ser também uma força popular, e sua fundação se deu a partir de grupos antimonarquistas e nacionalistas de esquerda e de direita. Como tentativa de aproximação dos trabalhadores, a cerimônia de fundação teve lugar no bairro de Sants, foco da resistência operária durante a ditadura de Primo de Rivera, deposta em 1931 junto com a monarquia.

A convivência da CNT com a ERC teve altos e baixos. No início da República, a Generalitat, governo catalão, teve uma política de aproximação com a CNT que era a força mais estruturada nas ruas. Entretanto, nos anos que se seguiram, estando a indústria da construção em declínio, as lutas nas ruas por emprego e salário criaram um clima de conflito entre patrões e empregados. O governo republicano continuou a lidar com a questão social de maneira a deixar aberto o espaço para a truculência dos “Sindicats Lliures”²³ de direita. Em relação especificamente ao anarco-sindicalismo, um caso emblemático de

discordância relacionava-se com a política do governo da Generalitat de considerar os imigrantes como a causa de todos os problemas da região. Chegaram a apresentar um plano de devolução dos imigrantes, o que se chocava frontalmente com a política inclusiva da CNT, que a condenava na sua prática cotidiana.

Em 18 de julho de 1936, quando os militares sediados na África, sob o comando dos Generais Franco e Mola, se insurgiram contra a república, a CNT e a Federación Anarquista Ibérica, FAI,²⁴ foram as únicas forças organizadas e armadas na cidade que a defenderam. Os *Hombres de Acción* da CNT barraram o golpe, impingindo a retirada aos comandos militares golpistas. Combateram rua a rua, quarteirão a quarteirão, em torno às unidades militares golpistas até sua rendição. O fato da CNT já estar armada e organizada anteriormente sugere uma versão de que, tendo militantes infiltrados em serviços de quartéis, já sabia da preparação do golpe, comandado pelas tropas. A esta ação coordenada, o anarco-sindicalismo atribuiu um significado inequívoco de fortalecimento e orgulho de sua identidade: “los trabajadores españoles plantaron cara al fascismo – el que no hicieron sus homólogos alemanes, franceses, italianos”.²⁵

Passado o período inicial de confrontação aos golpistas transcorreu um conflito de prioridades, do lado republicano priorizando-se a guerra enquanto os anarquistas entendiam que também era o momento de fazer a revolução, e que as duas coisas deveriam ser feitas ao mesmo tempo. Entre os republicanos, a esquerda tradicional do Partido Socialista Unificado da Catalunha, PSUC, sob a égide de Stálin, não aprovava a ação revolucionária, fosse da CNT, da FAI ou do POUM,

cuja principais medidas eram as coletivizações e o avanço no *front* de Aragão. O assassinato, em 1937, do líder do POUM Andreu Nin, atribuído à Stalin e posteriormente, no período democrático foi confirmado pelo comitê central do Partido Comunista Espanhol, PCE, foi um ponto crucial na cisão entre as forças antifascistas. O assassinato de Durruti em Madrid, também considerado como realizado a mando de Stálin, foi a chispa que incendiou a luta da CNT durante a guerra. Considerado o maior líder anarquista de todo o país, Durruti foi comandante da primeira brigada popular motorizada, que levou seu nome, e saiu de Barcelona para o *front* de Aragão aclamado popularmente como o líder dos trabalhadores e dos explorados. Até hoje lembrado como herói popular,²⁶ seu enterro marcou a história da cidade: seu corpo foi velado na antiga patronal barcelonesa, transformada durante a guerra em quartel general da CNT no centro de Barcelona.

Uma das características do pensamento ácrata, a desconfiança em relação ao Estado ainda se faz presente na tradição dos bairros, em seus padrões de sociabilidade, formando uma das culturas existentes da cidade. O que está em discussão é a importância de sua presença, que atravessa períodos de recuo e quase desaparecimento, ressurgente na transição à democracia e hoje, com novas feições, é uma das subculturas existentes em Barcelona. Com a característica de ser um movimento autónomo, autogestionário, guiado pela desconfiança em relação ao Estado, é também, segundo Diez²⁷, “um fenômeno poliédrico”, que se desdobra dentro e fora de várias culturas e movimentos, difícil de ser estudado por estar disseminado de distintas maneiras e sob vários signos em movimentos muito diferentes. Alguns deles compartilham seus valores

sem se declarar e outros explicitamente ácratas, “Entretanto, sob a ótica de seu papel institucional hoje na cidade, sua presença é modesta”.²⁸

É também um fenômeno “complejo por el carácter **gaseoso** de las ideas libertarias, de su capacidad de impregnar ideologías y determinados ámbitos de la vida política, social y cultural”²⁹. Sobre este aspecto, em entrevista concedida à autora em julho de 2016, o antropólogo Manuel Delgado sustenta uma explicação original: “El anarquismo es nuestro líquido amniótico. Se puede ser anarquista y otra cosa más: anarquista comunista, católico, monárquico, masón, espírita”. O historiador anarquista Manuel Aisa, Diretor do Ateneu Enciclopédico Popular, em entrevista concedida em dezembro de 2016 ao autor, resume a complexidade da presença ácrata na cidade e diz “El anarquismo hoy es un sentimiento, una manera de vida”.

Na tentativa de esclarecer a disseminação das ideias e das tradições, a distinção cunhada por Diez pode ajudar a esclarecer o que aqui se quer discutir. Ele considera que há um anarquismo implícito: «una innata tendència a desafiar el poder i les normes establertes, una tendència intrínseca a aprofundir en el marc de la llibertad colectiva i individual”. Ao anarquismo explícito corresponde, “aquell que indica la presencia d’organitzacions, sindicats, grups i pensadors que es reconeixen sota la denominació llibertària»³⁰³¹.

Isso posto, pode-se falar de uma constelação que forma um terreno fértil, descrita pelo historiador inglês Chris Ealham³² como uma cidade industrial rebelde onde o socialismo e o marxismo não atraíram os trabalhadores de Barcelona como havia feito em outras cidades industrializadas da Espanha. A forte presença do Estado, na sociedade

ideal de socialistas e comunistas, não se coadunava com as tradições independentistas dos bairros. Estudos como o de Ealham³³ mostram que a “ação direta”, defendida pela CNT, estabelecia um interesse muito maior nos bairros do que a teoria da sociedade ideal do socialismo e do comunismo, que para os trabalhadores e moradores dos bairros era sentida como algo distante.

Outra circunstância única e importante que ensejou o que se está considerando como terreno fértil para a cultura ácrata foi a existência de uma forte liderança anarquista situada nos bairros. A popularidade das lideranças fazia com que os bares se enchessem de jovens e trabalhadores, alguns deles sem dinheiro para uma bebida e para quem os donos dos estabelecimentos serviam água, tudo para ver de perto os líderes Durruti, Ascaso e García Oliver, conhecidos como o “trío de la benzina”.

Além dessa cultura poliédrica e gasosa disseminada, e da presença de uma liderança trabalhadora, ativa e enraizada nos bairros barceloneses, outro componente a ser considerado no entendimento do chamado “terreno fértil” é a presença de intelectuais, artistas, livres pensadores e racionalistas, que foram capazes de elaborar as ideias do laicismo, do federalismo e dos valores da emancipação humana através da cultura e do conhecimento. Neste contexto, além da maçonaria se fazia presente a juventude que flertava com as ideias anarquistas, caso de Antoni Gaudí que, em fins do século XIX, antes de sua conversão ao catolicismo, fez parte da juventude ácrata, uma espécie de “Jeneusse doré” da cidade. Esta juventude de artistas e intelectuais, vinda de setores abastados da sociedade barcelonesa chamada “boemia rosa” tinha uma aproximação com a “boemia negra” enraizada nas lutas dos movimentos anarquistas

anteriores à CNT. Ealham³⁴ sustenta que após a “semana trágica”, quando a cidade ardeu e viu suas igrejas serem queimadas, houve um afastamento cauteloso da “boemia rosa”.³⁵

A igreja como foco

Sustenta-se que para se entender o vigor do estigma dos anarquistas na cidade é necessário conhecer algo de sua história no início do século, particularmente a “semana trágica”. Ela foi um divisor de águas no entendimento do que seriam as aspirações anarquistas e anticlericais. A ela se seguiu senão um medo disseminado, pelo menos uma ambiguidade em relação aos seus simpatizantes. O estigma baseou-se, em grande medida, na condensação de dois momentos históricos distintos, a Semana Trágica de 1909 e a destruição de igrejas na Guerra Civil, entre 1936 e 1939.

Sobre a presença de um estigma, observou-se pela primeira vez entre os entrevistados – historiadores, acadêmicos, professores, escritores, jornalistas, um pouco menos entre os ativistas – um mal-estar em tratar o tema, o que sugere a existência de uma marca indelével de difícil lembrança. Outro aspecto da dificuldade foi ter acesso a dados convergentes: as informações sobre o número de igrejas queimadas em Barcelona durante a Guerra Civil variavam entre 13 e 200. O estigma aqui será definido como um estereótipo em relação ao diferente. Isto é, diante de um estímulo, uma palavra ou uma imagem, mobiliza-se uma reação não refletida e automática, imune à experiência. Portanto, trata-se de uma orientação fixa sobre um objeto externo, que organiza as ideias e os julgamentos e evita o processo cognitivo. Este é um dos fatores que

sustenta a invisibilidade e opacidade na compreensão dos acontecimentos em relação ao anticlericalismo, florescido na cidade mais fortemente a partir do século XIX.

O estigma do anarquismo, especialmente da CNT e da FAI, é algo presente em Barcelona tanto na direita como na esquerda. Em ambos se fala de selvageria, especialmente quando se trata de queimar igrejas. Um jornalista e escritor entrevistado em junho de 2017 afirma: “Además de los vencedores, los comunistas y socialistas también os han estigmatizado, sobretudo”. É conhecida a luta que se travou entre comunistas do PSUC e anarquistas em Barcelona em maio de 1937, no espaço da cidade, com a expulsão dos últimos do prédio sede, onde era a Companhia Telefônica na época, na central Plaza de Catalunya. A esse fato se segue um período de combate explícito entre os dois lados: de um, os comunistas do PSUC, alinhados a Stalin, com ramificações entre os pequenos proprietário e setores da classe média, e de outro a CNT, FAI e POUM.

Setores republicanos, e especialmente os comunistas do PSUC, atribuem a derrota da guerra aos anarquistas e, do lado dos anarquistas e do POUM, nunca cessou a crítica aos republicanos por terem negado armas à Brigada Durruti no cerco de Zaragoza, situação que teria sido definitiva no início da guerra. Entretanto, no contexto do início da Guerra Civil, tendo sido as milícias *Hombres de Acción* da CNT barrar o golpe, o líder republicano, presidente da Generalitat, Lluiz Companys, em carta à CNT se coloca a seus pés diante de sua valentia em defender a Catalunha. O convite feito por Companys à CNT em 20 de junho transborda em reconhecimento:

“Hoy sois los dueños de la ciudad y de Cataluña [...] habéis vencido y todo está en vuestro poder; si no me necesitáis o no me queréis como presidente de Cataluña [...] yo pasaré a ser un soldado más en la lucha contra el fascismo. Si, por el contrario, creéis que en este puesto, que sólo muerto hubiese dejado ante el fascismo triunfante, puedo, con los hombres de mi partido, mi nombre y mi prestigio, ser útil en esta lucha, que si bien termina hoy en la ciudad, no sabemos cuándo y como terminará en el resto de España, podéis contar conmigo y con mi lealtad de hombre y de político”.³⁶

Nos bairros, no entanto, existe outra memória, mais amena e nostálgica, da solidariedade e da defesa dos desprotegidos, que se pode perceber através de canções de ninar tradicionais transformadas em letras de evocação a Durruti, o mais popular dos líderes da CNT.³⁷

Um dos aspectos que provoca e alimenta o estigma é a condensação, na narrativa dos opositores, de dois momentos históricos distintos durante os quais houve a queima de igrejas, sendo o primeiro deles a Semana Trágica de 1909, que pode ser considerada um marco divisor ocorrido no ano anterior à criação da CNT. Este foi um período em que a Espanha lutava no Marrocos pelo último reduto de seu império em declínio, estando a Igreja no papel de recrutadora dos combatentes e, ao mesmo tempo, possuidora de investimentos nas minas sediadas no norte da África. Os jovens ricos e de classe média puderam escapar do recrutamento porque bastava pagar uma soma correspondente a dois anos de salário de um trabalhador braçal.

O costume de queimar igrejas vinha do século XIX. Na Semana Trágica, em 1909, o Partido Radical do líder populista Lerroux foi um dos principais responsáveis por insuflar os descontentes, levando-os a se

voltarem contra a igreja e queimar seus templos³⁸. A revolta popular que fez a cidade arder deslocava os ânimos e supostamente a compreensão da vida miserável atribuindo-a à Igreja, que claramente atuava a favor de preservar os grandes proprietários. O balanço apresentado foi de 12 igrejas queimadas, 40 conventos e 33 escolas religiosas. Entre o total de 119 mortos, oito eram policiais e militares e três eram clérigos.³⁹

Por uma semana a cidade ardeu, ao que se seguiu um aumento da repressão, e o julgamento dos responsáveis que incriminou especialmente a Escola Moderna de Ferrer i Guardia, responsabilizado pelo anticlericalismo das massas. Foi condenado e fuzilado por um tribunal militar, mesmo não se encontrando na cidade durante os acontecimentos. A partir do fuzilamento de seu criador a Escola Moderna e parte dos racionalistas se distanciam cautelosamente dos anarquistas, embora tenham mantido algumas ligações nos ateneus e *grupos de afinidades*.

O segundo momento em que foram queimadas igrejas, na Guerra Civil, teve um caráter mais de projeto, pensado e calculado, do que um caso de anticlericalismo selvagem. Os dados são bastante flutuantes: entre os historiadores, há uma variação de entre 13 e 75 templos queimados. A ideia muito compartilhada, de que todas as igrejas foram queimadas, veio inicialmente dos próprios republicanos. No dia seguinte ao “18 de julho”, o presidente da Generalitat, Luiz Companys, havia declarado: “todas las iglesias han sido destruidas”⁴⁰; a versão de G. Orwell – “casi todas las iglesias habían sido destripadas y sus imágenes quemadas”⁴¹ e as declarações de Andréu Nin, dirigente do POUM, trotskista, ao Jornal “La Vanguardia” em agosto de 1936 – “La clase obrera ha resuelto el

problema de la Iglesia, sencillamente no ha dejado en pie ni una siquiera [...] hemos suprimido sus sacerdotes, las iglesias y el culto”.

As declarações propagadas nos primeiros dias de que foram destruídas todas as igrejas contribuíram para a produção da narrativa de algo arrasador. As fotos e os cadáveres de padres e freiras desenterrados – costume vindo da Semana Trágica –, e expostos nas portas das igrejas, alimentavam as crenças populares de que algo sinistro se passava no interior dos conventos, como a existência de cadáveres de fetos; daí a ânsia popular de expor os pecados do clero.

A tese do historiador inglês Chris Ealham,⁴² que aqui compartilho, é de que as igrejas queimadas e o acervo destruído foram atos pensados e não um clamor anticlerical. Segundo ele, a República e a CNT necessitando de espaço passaram a se apropriar das riquezas e transformá-las em equipamentos de guerra. As igrejas se tornavam escolas e unidades militares, os confessionários se transformavam em bancas de revistas, os sinos eram fundidos e se tornavam canhões.⁴³ A versão de Ealham é sustentada por um conjunto de evidências empíricas, também para isso servem os documentos filmados dos confiscos que mostram o cuidado dos *cenetistas* carregando objetos de arte a serem comercializados.

CNT había prohibido bebidas alcohólicas, no estaban borrachos. Un sociólogo alemán (Borkenau) que asistió registró que el cuerpo de bomberos aislaba la iglesia que iba ser quemada para que el fuego no llegase a otros edificios. Había la preocupación en salvar los objetos artísticos de valor y para eso fueron constituidas “comisiones técnicas” que evaluaban antes el edificio y el acervo artístico.⁴⁴

Existem relatos de que algumas igrejas já se encontravam preparadas para o golpe antes de 18 de julho, quando foram vistos padres armados nos telhados atirando. Um relato de um clérigo, editado em 1963 em Toulouse, discute as implicações morais de utilizar armas contra os inimigos da Igreja. Referindo-se a um acontecimento ocorrido na igreja dos Capuchinhos, na Av. Diagonal esquina com Roger de Lluria, região central da cidade, onde viu um arsenal de armas escondidas, dois dias antes ele perguntava ao colega até que ponto era moralmente defensável o uso da violência para se defender daqueles que eram contra a igreja.⁴⁵

Como já mencionado, as fontes divergem sobre o número de igrejas e edifícios religiosos queimados durante a Guerra Civil em Barcelona. Para relativizar as declarações de Lluís Companys, George Orwell e Nin ocorridas no dia seguinte ao evento, foram consideradas outras fontes. O informe de dentro da igreja, em 1940, aponta como 73 o número de igrejas queimadas⁴⁶. Em 2009, o jornal diário *El Mundo* fala de mais de 40 igrejas completamente destruídas – entre 36 e 39 –, e o Informe da Generalitat, em 1937,⁴⁷ afirma serem 13 as igrejas queimadas em um total de 246. O dado final que se vai considerar é validado pela fonte eclesiástica do Archivo de la Diócesis de Barcelona que aponta 17 igrejas completamente destruídas⁴⁸, proporção mais modesta do que a memória sugere. O caso da Catedral também é ilustrativo: no mencionado arquivo consta que sua destruição foi obra dos bombardeios da aviação italiana no final da Guerra Civil, em 1939.

Durante a Guerra Civil, o acerto de contas com a igreja e a presença de um laicismo militante deu ao embate uma característica singular à Espanha. Não é difícil entender a proeminência da igreja

católica vista como inimiga dos trabalhadores no país, e especialmente na Catalunha. Ela estava visivelmente envolvida nas opressões cotidianas, pelas humilhações, exploração de mulheres e crianças em pequenas fábricas das paróquias, e, sobretudo, pelo monopólio do ensino – ao qual só tinha acesso a burguesia e parte da classe média – e pelo poder do castigo terreno e depois da morte.⁴⁹ Como já se afirmou anteriormente, a subcultura libertaria é uma das existentes na cidade e ela só se torna uma questão relevante porque o catolicismo é a religião oficial, tendo uma base extensa de adesão popular e de compartilhamento de valores comuns de obediência e servilismo. A Catalunha industrializada vive o anticlericalismo de maneira mais radical do que o resto da Espanha, e a classe trabalhadora, assim como a elite intelectual influenciada pelo iluminismo francês entendem a presença da igreja católica como intrinsecamente associada à monarquia espanhola e grande empecilho à sua emancipação. Durante a Guerra Civil o anticlericalismo tomou proporções inusitadas na história europeia e a perseguição à igreja se associou à bandeira republicana em toda a Espanha, mas na Catalunha adquiriu uma forma mais planejada e racional.⁵⁰

Ainda que o anarco-sindicalismo tenha avançado, antes e durante a guerra, em inúmeros campos da emancipação humana, na Catalunha e, mais especificamente em Barcelona, o feminismo como tal não teve a mesma expressão. Seu papel ganhou protagonismo durante a guerra quando mulheres republicanas, ligadas ao PSUC e ao Partido Socialista Obrero Español, PSOE, fundaram e tiveram sob seu controle a Asociación de Mujeres Antifascistas, AMA, rechaçando mudanças revolucionárias e definindo, como prioridade, derrotar o fascismo. No

espectro do anarquismo foi criada a organização anarquista *Mujeres Libres*, fundada em abril de 1936, ao ser deflagrado o conflito, e dois meses depois cresceu o número de afiliadas, que chegou a ser em torno de 20.000 nos territórios de controle dos republicanos. Sob a liderança da líder cenetista da Catalunha Lucía Sánchez Saornil, a mais importante anarco-sindicalista catalã naquele momento, seu programa era essencialmente cultural e educativo, com o objetivo de proporcionar às mulheres uma educação básica e formação política. O movimento *Mujeres Libres*, mais do que lutar na guerra entendia que o momento era a oportunidade para realizar a revolução feminina.

A cultura dos bairros e a CNT

Como já mencionado, o anarquismo catalão nasceu da tradição de autogestão dos bairros, principalmente de Barcelona, durante o período de seu auge, da criação em 1910 até o final da guerra em 1939, caracterizando-se por uma estrutura de organização flexível, com pouca hierarquização, que criou e viabilizou a capacidade de enfrentar e contestar a brutalidade de uma burguesia que não tinha a prática de negociar e tratava a questão social como uma questão de ordem pública. A década de 1920 foi marcada pelo crescimento das lutas nas ruas e nas fábricas e a eliminação física das lideranças.

Por cultura de bairros em Barcelona, como substrato das práticas libertárias, entende-se o encontro de duas formas de vida que se alimentaram reciprocamente: a cultura histórica de resistência dos bairros e a anarquista, de solidariedade e “ação direta”. Diferentemente do partido comunista – PSUC – e do PSOE socialista, a Confederação Nacional do

Trabalho, CNT, era um organismo descentralizado, com uma estrutura relaxada na qual a autonomia tinha um valor consolidado que alimentava a independência e o assembleísmo pré-existente nos bairros. A cultura de “ação direta” dos anarquistas se compatibilizava perfeitamente com as tradições de enfrentamento com a polícia nas ruas que vinham do século XIX. O contato com a CNT teria reforçado as práticas já existentes, fortalecido sua autoestima e lhes dado superioridade moral.

Sobre o anarquismo hoje em Barcelona, ele se encontra em ateneus e cooperativas presentes principalmente nos bairros, aqui reconhecidos como fazendo parte da tradição libertária, parte dos movimentos ácratas além estritamente do anarco-sindicalismo. No decorrer da pesquisa que originou este artigo, foram feitas entrevistas com pessoas que se declaram libertárias ou anarquistas, com especialistas no tema e com frequentadores de ateneus que se dispuseram a colaborar. A partir dessas entrevistas faz-se possível afirmar que, hoje, em Barcelona se pode ser anarquista de várias maneiras.

Na transição à democracia, após a morte do caudilho em novembro de 1975, as forças de extrema esquerda não foram protagonistas e nem consideradas no desenrolar do processo, provavelmente pelo clima de moderação escolhido pelos principais atores dos pactos políticos estabelecidos naquele momento. Contudo, do lado de fora das negociações, a cultura libertária foi muito ativa e exerceu um papel marcante para os jovens da época, alguns deles sendo frequentadores de ateneus ainda hoje. Na transição à democracia, iniciada em novembro de 1975 ao morrer o ditador, a CNT renasce e cresce muito em Barcelona. Em 1977, dispunha de 300.000 militantes, e no comício de

Monjuic, com a presença dos anarquistas históricos de volta do exílio, participaram mais de meio milhão de pessoas. As *Jornadas Internacionais Libertárias*, organizadas pela CNT em 1976 no Parque Guell, foram uma celebração dos novos padrões da juventude catalã, cujas preocupações e interesses se voltavam para o Maio francês. A explosão de liberação hedonista, o consumo de drogas, o sexo e a música se chocaram com o estrito moralismo dos velhos líderes da CNT.

O período que se segue foi de crescimento e a CNT lidera as greves das “gasolineras”, quando vitórias substanciais foram alcançadas – o que assustou os grandes proprietários catalães. Em seguida, o caso Scala, em 1978, faz submergir o potente sindicalismo, tendo sido atribuído à Confederação o incêndio ocorrido em uma casa de espetáculo, no qual as vítimas mortas eram operários que trabalhavam no local. Posteriormente foi esclarecido que todos os mortos eram da CNT e que o incêndio havia sido provocado por um informante da política que convencera alguns jovens a perpetrar o ato presumidamente anarquista. (Martínez 2009, p.330). A isso se seguiu o recrudescimento da repressão, respaldada pelo medo da burguesia catalã da volta da *Rosa de Foc*. A CNT, no entanto, não conseguiu se restabelecer, perdendo sua importância e deixando de ser um ator político relevante na transição à democracia.

Hoje as experiências de “ação direta” e os *grupos de afinidades* se encontram nos ateneus, associações de bairros e movimentos sociais. Entre eles, alguns se declaram anarquistas e outros se definem como libertários. Segundo o Ayuntamiento de Barcelona, Archiu Municipal de Barcelona, existem 59 ateneus registrados em 2017;⁵¹ há que considerar, no entanto, que alguns, não estando interessados em receber apoio

financeiro da prefeitura, não estão registrados, sendo, portanto, um dado de difícil precisão. Pelo menos nove deles se auto reconhecem como “comunistas anarquistas”, expressão que foge à ortodoxia doutrinária de ambas as tendências. Essa facilidade de mesclar o anarquismo com outras orientações políticas e mesmo orientações de vida só reforça a ideia do aspecto gasoso que a memória da experiência pregressa permite reviver.

Se no passado os ateneus foram lugares onde se formavam as pessoas e se criava a cultura e a educação dos trabalhadores segundo os princípios do que seria o conhecimento emancipador, hoje os ateneus podem ser entendidos como “espaços de convivência”. Segundo um ex-militante da CNT, expulso em 1977, após as Jornadas Internacionais do Parque Güell, em entrevista concedida à autora⁵². afirma serem mais libertários que anarquistas naquela época. O crescimento da CNT, no final da ditadura de Franco e no começo da transição em Barcelona e em toda a Catalunha, se deu por ser uma alternativa fora dos partidos tradicionais. As novas gerações estavam muito mais influenciadas pelo maio francês do que pelos partidos de esquerda hierarquizados. Segundo ele, o anarquismo hoje não tem um corpo teórico e os ateneus são um lugar de encontro.

Após o 15M, como é conhecido o acontecimento dos indignados,⁵³ a robustez da CNT se esvaziou ainda mais. Os setores anarquistas se dizem mais libertários e rechaçam a violência. O intelectual basco, Mikel Orrontia, em discussão sobre separatismo e ideias anarquistas, como inúmeros outros intelectuais anarquistas- libertários, fala do anarquismo como “El hijo perdido de la revolución” e refere-se às antigas práticas como “El caminho ciego de la lucha armada”. Estes setores, que se reformularam a partir do 15 M, tendem a confluir para a

ideia de que o papel dos libertários (sejam anarquistas, comunistas, socialistas) consiste em oferecer soluções práticas aos problemas urgentes que o povo enfrenta, através do sistema de autogestão, sob os princípios da liberdade, dignidade e solidariedade. Nesse espectro também se encontram os novos partidos que se baseiam na ideia dos “comuns”.

O caso da “Librería Ciudad Invisible”/Sants Coop

A descrição que se segue baseia-se em entrevistas com os coordenadores do espaço libertário do bairro de Sants, Sants Coop, composto de uma editora e livraria La Ciutat Invisible Edicions e um complexo de espaços cooperativos, do qual faz parte a experiência de Can Batlló. Foram entrevistados: o coordenador de Can Batlló e cooperados das oficinas, unidades que fazem parte do complexo cooperativo Sants Coop, e os dois coordenadores da *Librería Ciudad Invisible*. Segundo um de seus Coordenadores, Ivan Miró, para se entender o desenvolvimento da luta dos trabalhadores é necessário conhecer sua força no passado. Em 1918, época de crescimento da CNT, tem lugar o “Congreso de Sants”, quando foram criados os “sindicatos cívicos”. Depois da greve da Canadence surge o “pistolerismo”, e em 1931 a CNT é considerada insurrecional e não sindical, os pistoleiros passando a matar os líderes cenetistas.

Quanto à maneira como se faz a cadeia de transmissão dessa tradição, ele retoma a história das lutas antes e durante a guerra:

En la 2ª República el anarco-sindicalismo, con CNT\FAI, eran fuertes política y militarmente. Sus milicias, en 1936, a través de los “Hombres de

Acción”, pararon el golpe militar. Basándose en eso fueron hechas 80% de las colectivizaciones en Barcelona, bajo el gobierno de la República.⁵⁴

Quanto à explicação do que é o anarquismo hoje, Miró continua: “Se puede decir que el anarquismo es una expresión teórica de una organización social horizontal, no jerárquica y cooperativa. Nascen no por ideologías, por ideas, sino por prácticas. La CNT ahora es una caricatura, es moralista y choca con las formas libertarias”.

Além disso, uma importante particularidade de Barcelona e que marca as lutas libertarias que, segundo ele, tem que ser considerada, é que:

En *Barcelona* la **idea de territorio es importante**, recuperó el movimiento de barrio. Los OKUPA empiezan, en los 90, una representación simbólica, copian ideas interesantes de cada tradición teórica. En España la democracia y crisis económica juntas provocan la precarización del trabajo, los sindicatos se debilitan y pasan a no representar los trabajadores. En 1994, la CCOO [Comisiones Obreras], comunista, negocia con la patronal, de ahí la dualización del trabajo e los jóvenes pasan a ganar menos. En 1992 la Pax Olímpica significó la destrucción masiva de los movimientos sociales y en 1994 las cosas cambian.

Aqui, Miró passa a considerar os fatos que, segundo ele, se encontram no bojo das mudanças: o surgimento de Chiapas e do Confederalismo Democrático do Kurdistan, que são referências para o pensamento libertário catalão. De outro lado há, ainda, o fenômeno massivo da “insumisión de consciencia”, reação ao fato do Exército estar levando os jovens à prisão. A partir dessas circunstâncias as coisas mudam, porque há um fortalecimento e diversificação dos movimentos

sociais, como LGBT, feminismo, defesa animal, excursionismo, veganismo, objeção de consciência, pacifismo, cooperativismo, recuperação da memória histórica, movimentos antiglobalização, livrarias, *Okupas* e o Movimento de los Afectados por las Hipotecas/PHA. Conclui que “hoy la idea es outra, bajo el nombre de anarquistas, la Idea, no hay más. Ahora sólo hay el trabajo con anarquistas”.

O território coletivizado de Can Batlló é parte do complexo cooperativo do bairro de Sants, um dos pilares das lutas dos trabalhadores desde fins do século XIX e começo do XX. As *Cooperativas de Sants* configuram um território coletivizado no mesmo bairro e fazem parte do mesmo complexo cooperativo da livraria. Can Batlló, uma das maiores fábricas têxteis da Espanha, teve um de seus pavilhões convertido em fábrica de armamentos durante a guerra, entre 1936 e 1939, O Pavilhão 11, coletivizado, tem um espaço de oito hectares onde hoje se encontram 44 cooperativas, distribuindo-se entre as funções de: Oficinas e Mobilidade, Habitar (reforma i rehabilitación), Finances i Intercanvis, Alimentació, Educació i Criança, Comunicació i Tic e Cultura i Restauració.

O relato que se segue baseia-se nas entrevistas com um dos coordenadores de Can Batlló, Joan Costa,⁵⁵ a antiga fábrica têxtil transformada em espaço cooperativo. Depois da morte de Franco, um espaço de oito hectares tinha duas funções de interesses contrários: era uma propriedade privada e tinha sido declarada de interesse social. Durante a Guerra Civil o espaço tinha sido coletivizado pela CNT, e em um dos pavilhões eram produzidos armamentos. Depois da Guerra Civil, em 1943, o senhor Julio Muñiz Romanet, enriquecido durante o

franquismo, comprou toda a fábrica e, em 1962, quando a indústria se desfez, ele passou a alugar o espaço para diversas pequenas empresas. Em 1974, os vizinhos (*vecinos* é a expressão espanhola para se referir aos habitantes do lugar) começaram timidamente a reclamar a recuperação de Can Batlló.

As negociações do território tiveram novo impulso quando em 1976, em Barcelona, surge o *Movimiento Vecinal*, uma prática antiga, com novas formas. Estes movimentos vinham, durante o final do franquismo, tratando de temas relacionados a urbanismo, educação, trabalho e feminismo. A presença mais importante era do PSUC, clandestino, e da igreja, ambas instituições estruturadas hierarquicamente. Foram elas as responsáveis pela vigorosa rede de associações de bairros de Barcelona onde, de acordo com a pesquisa de M. Andreu⁵⁶, o trabalho mais atual e considerado sobre o tema, não se pode perceber a presença dos anarquistas.

No bairro de Sants, o começo das associações estava composto pelos comerciantes associados às luzes de natal, por isso chamados de “Bombillos”. Nelas se infiltraram os “vecinos” e algumas foram sendo legalizadas. Em 1976, o Plan General Metropolitano, do prefeito Porcióles, prevê uma reserva de solo de Função Social, declarando Can Batlló zona verde e de equipamento social. O Centro Social de Sants, que vai congrega os militantes de Can Batlló, tinha sido fundado em 1974 no contexto das manifestações pelo Estatuto de Autonomía e pela Amnistía.

Depois de 2006, a proposta da prefeitura para Can Batlló era a construção de 400 casas sociais, 21 equipamentos e cerca de cinco hectares de zona verde, em troca de 900 apartamentos de renda livre entre

Can Batlló e no bairro vizinho de Magoria. Em 2008, com a bolha imobiliária e a crise da construção a solução foi adiada.

Ao serem retomadas as negociações em 2009, encontram a Asociación de Vecinos em uma fase na qual ela exige um calendário e ameaça com ocupação se os prazos não forem definidos; essa exigência gerou um clima de espera em Can Batlló. Nesse momento, a mobilização contava com cerca de trinta pessoas e com o apoio do *Centro Social de Sants* e das *Comisiones de Vecinos de La Bordeta*.⁵⁷ A partir disto foram sendo criados “espacios de amigos” e o número de participantes saltou para duzentas pessoas envolvidas. Segundo Joan Costa, ativista de primeira hora:

La situación fue favorecida por algunas casualidades que se sumaron: la voluntad de los vecinos amenazados de multa y prisión. (...) La ocupación fue festiva, a las doce horas las campanas de la Iglesia de San Medir empezaron a tocar. El primer equipamiento fue la Biblioteca, con los libros donados por los vecinos.

Qual o futuro do anarquismo e das ideias libertárias? Um jovem anarquista ativista de uma cooperativa em Grácia comenta um aspecto interessante do momento recente dessa tradição. Segundo seu depoimento, os diferentes grupos anarquistas e libertários, que não se comunicavam durante muitos anos, hoje começam a conversar. Não se sabe até que ponto essa atitude pode ser uma tendência ou apenas uma observação interessante. O mais importante aqui para se reter é: a potente experiência barcelonesa do anarco-sindicalismo foi uma experiência única que se deveu a uma conjunção de fatores, conforme se procurou mostrar, e foi também uma constelação que teve que se deparar com uma guerra

civil onde se viram em luta contra duas frentes, com a esquerda e com a direita. Contudo, as ideias libertárias continuam seduzindo especialmente pelo seu conteúdo antiestado, ativado pela “ação direta”, pela superioridade moral da evocação da solidariedade universal no cotidiano e pela descrença que tanto as novas como as experientes gerações anteriores têm enfrentado, reforçando sua histórica rejeição à política partidária.

Notas

* Doutora em Sociologia Política - UnB. Professora Titular da PUC-MG/ Programa de Pós-graduação Ciências Sociais. ORCID 0000-0003-0290-8090. E-mail: leasouki@pucminas.br

¹ MARTÍNEZ, G. **Barcelona Rebelde**. Barcelona: Debate, 2009. p. 14.

² AZEVEDO, S. & SANTOS JUNIOR, O.A. & RIBEIRO, L.C. Mudanças e permanências na cultura política das metrópoles brasileiras. **Dados**, 52 (3), pp. 691-733, 2009; SOUKI, L. G.A convivência de diferentes culturas políticas no espaço metropolitano. **Sociedade e Estado**, vol. 27, vol. 2, pp. 245-262, Brasília: UnB, 2012.

³ O termo libertário deve ser utilizado com cuidado pela amplificação que vem sofrendo, especialmente depois de sua adoção pelos «liberais libertários», situados na extrema direita americana.

⁴ No governo de Largo Caballero, de 1936 a maio de 1937, ocuparam cargos de ministro os anarquistas García Oliver, Justiça; Federica Montseny, Saúde e Assuntos Sociais; Juan López Sánchez, Comércio; e Juan Peiró, Indústria; além de outros cargos no Governo da Catalunha.

⁵ CASTELLS, M. Neanarquismo [On line]. **La Vanguardia**. Barcelona, 21 mai. 2005. Disponível em: www.epaper.lavanguardia.com. Acesso em: 8 de jun. 2015.

⁶ Diante da pergunta feita ao antropólogo Manuel Delgado se seria possível falar de Barcelona dos últimos 150 anos sem mencionar o movimento anarquista, ele respondeu taxativamente: “no”. (Entrevistado em 19/07/2016).

⁷ DIEZ, X. **L'Anarquisme fet diferencial catalá**. Barcelona: Virus Editorial, 2014. p. 56.

⁸ EALHAM, C. **La lucha por Barcelona**. Clase cultura y conflicto, 1898-1937. Madrid: Alianza, 2005. p. 39.

⁹ Foi em 11 de setembro de 1714 a Revolução contra o Rei Felipe V que, ao derrotar os catalães e entrar em Barcelona, proibiu também seu idioma.

Curiosamente o dia da identidade catalã, a Diada, é celebrada na data de sua derrota frente ao Estado espanhol.

¹⁰ GINER, S. Economía política y legitimación cultural en los orígenes de la democracia parlamentaria: el caso de la Europa del Sur. In: SANTAMARIA, J. (Comp.). **Transición a la democracia en Sur de Europa y América Latina**, pp.11-58. Madrid: CIS, 1982.

¹¹ 1990, p. 132.

¹² ENGELS, 1873, p. 4.

¹³ MIRÓ, I. & DALMAU, M. **Les Cooperatives Obreres de Sants**. Barcelona: La Ciutat Invisible Ediciones, 2010. p. 59.

¹⁴ Ibidem, p. 64.

¹⁵ EALHAM, op. cit., 2005, p. 80.

¹⁶ **Anuario Estadístico de la Ciudad de Barcelona 2016**. [On line] Disponível em: <http://www.bcn.cat/estadistica/castella/dades/anuari/>. Acesso em: 14 de abr. 2017.

¹⁷ EALHAM, op. cit., 2005, p. 85.

¹⁸ Ibidem, p. 60.

¹⁹ DALMAU; MIRÓ, op. cit., 2010, p. 45.

²⁰ Entre os anos de 1887 e 1914, foram criados 75 ateneus.

²¹ EALHAM, op. cit., 2005.

²² Como um exemplo ilustrativo de sua influência temos a prefeita de Barcelona (desde 2015), Ada Colau, que não sendo anarquista, foi formada dentro dos princípios da Escola Moderna de Ferrer i Guardia.

²³ Sindicatos Livres.

²⁴ A FAI criada em Valência em 1927 durante a guerra foi a ala mais radical da CNT. Sua organização era mais hierarquizada e sua composição mais heterogênea, nela se encontravam defensores do esperanto como língua universal, malthusianos, nudistas e pacifistas.

²⁵ TAIBO, C. **Repensar la anarquía**. Madrid: Catarata, 2015, p. 112.

²⁶ Durruti ficou imortalizado fora da Espanha na literatura, pela obra de H. Enzensberger: ENZENSBERGER, H. **O curto verão da anarquia**: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil espanhola, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²⁷ DIEZ, op. cit., 2014.

²⁸ Ibid., p. 56.

²⁹ Idem.

³⁰ Ibid., p. 59.

³¹ “uma tendência inata a desafiar o poder e as normas estabelecidas, uma tendência intrínseca a ver com maior atenção a liberdade coletiva e individual”. Ao anarquismo explícito corresponde “aquele que indica a presença das

organizações sindicais, grupos e pensadores reconhecidos sob a denominação libertária".

³² EALHAM, op. cit., 2005.

³³ EALHAM, op. cit., 2005; 2010.

³⁴ EALHAM, op. cit., 2005.

³⁵ Pintores modernistas do porte de Ramon Casas, Santiago Rusiñol y Miquel Utrillo, simpatizantes do anarquismo, fundaram em Barcelona um refúgio parisiense "Els Quatre Gats", imortalizado por outro jovem frequentador, Picasso, em sua obra rupturista, "Le Demoiselle D'Avinió".

³⁶ COMPANYS *apud* EALHAM, op. cit., 2005, pp. 273-274.

³⁷ A popularidade de Durruti foi um fenômeno que todos os entrevistados mencionaram: "era como hoy es el Che Guevara. La gente de los barrios lo quería como a un santo" (entrevistado).

³⁸ Lerroux, líder do Partido Republicano, dirigindo-se aos trabalhadores e pretendendo subtrair adeptos do anarquismo embruteceu seu discurso anticlerical: "La masa obrera debe asaltar los conventos y elevar las monjas a la categoría de madres". Cf: LERROUX, *apud* MARTÍNEZ, G. op. cit., p. 253.

³⁹ MARTÍNEZ, op. cit., 2009, p. 253.

⁴⁰ CARRERAS, L. **Grandeza Cristiana de España**. 1938. [On line]. Disponível em: dialnet.unirioja.es. Acesso em 09 de jan. 2017.

⁴¹ El Gran Hermano. [On line]. **El País**. Madrid, 07. jul., 2009. Disponível em: www.elpais.com/archivo. Acesso em: 22.jun. 2016.

⁴² EALHAM, op. cit., 2005.

⁴³ Um jornalista e ecologista entrevistado deu outra versão para o significado do confisco dos sinos das igrejas. Segundo ele, eram os sinos das igrejas que marcavam toda a discriminação social: pelo seu toque podia-se saber a classe social de quem estava sendo enterrado, o sexo, a idade, o prestígio. Assim, dissolvê-los também significava dissolver a ordem de exclusão.

⁴⁴ EALHAM, 2005, p. 193.

⁴⁵ COMAS, J. **L'eglésia contra la República Espanyole**. Ariège, Francia: Imp. Régionale, 1963. p. 204.

⁴⁶ **Les Temples de Barcelona Desastrats**. Barcelona: Ed. Freixenet. (Archivo de la Diócesis de Barcelona). 1940.

⁴⁷ *apud* EALHAM, 2005, p. 293.

⁴⁸ BONET, 2008.

⁴⁹ Outra original versão é de um ativista e escritor entrevistado: "En realidad, los trabajadores se resentían de la iglesia haberlos abandonado".

⁵⁰ MARTINEZ, 2009; VICENS, 2010; EALHAM, C & RICHARDS, Historia, Memoria y la Guerra Civil Española: Perspectivas Recientes. In: EALHAM, C. & RICHARDS, M. (Ed.) **España Fragmentada**. Historia cultural y Guerra Civil española, 1936-1939, pp.1-27. Granada: Ed. Comares, 2010.

⁵¹ Estes dados foram fornecidos pela funcionária do Arquivo, de forma manuscrita.

⁵² Abril, 2016.

⁵³ Evento político inédito iniciado em Madrid no dia 15 de maio de 2011 e que se alastrou pelas maiores cidades da Espanha, cinco dias depois chegando a Barcelona. Movimento pacífico, denunciou o sistema que sustenta uma democracia entendida como farsa, ancorada em acordos de partidos, de sindicatos e de políticos cuidando de negócios que beneficiam somente a eles próprios.

⁵⁴ Ivan Miró, entrevista concedida à autora, maio 2016.

⁵⁵ Ocorrida em abril 2016.

⁵⁶ ANDREU, M., 2015.

⁵⁷ La Bordeta, bairro industrial vizinho a Sants com semelhante histórico de lutas trabalhistas.